

PARÁBOLAS DA VIGILÂNCIA E DO JUÍZO

*Dez parábolas em que Jesus alerta sobre o tempo que passa,
sobre o talento que se enterra,
e sobre o noivo que chega à meia-noite*

“Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora.”

Mateus 25:13



AS DEZ VIRGENS

Mateus 25:1-13

- ¹ Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo.
- ² E cinco delas eram prudentes, e cinco loucas.
- ³ As loucas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo,
- ⁴ Mas as prudentes levaram azeite nas suas vasilhas, com as suas lâmpadas.
- ⁵ E, tardando o esposo, tosquenejaram todas, e adormeceram.
- ⁶ Mas à meia-noite ouviu-se um clamor: *Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro.*
- ⁷ Então todas aquelas virgens se levantaram, e prepararam as suas lâmpadas.
- ⁸ E as loucas disseram às prudentes: *Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam.*
- ⁹ Mas as prudentes responderam, dizendo: *Não seja caso que nos falte a nós e a vós; ide antes aos que o vendem, e comprai-o para vós.*
- ¹⁰ E, tendo elas ido comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta.
- ¹¹ E depois chegaram também as outras virgens, dizendo: *Senhor, senhor, abre-nos.*
- ¹² E ele, respondendo, disse: *Em verdade vos digo que vos não conheço.*
- ¹³ Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem há de vir.

Almeida Corrigida Fiel



AS DEZ VIRGENS

contexto · o cortejo do noivo

Esta parábola está no Discurso do Monte das Oliveiras — o último grande discurso de Jesus antes da cruz. Os discípulos tinham perguntado sobre o sinal da sua vinda e do fim dos tempos. Foi em resposta a essa pergunta que vieram três parábolas: as Dez Virgens, os Talentos, e as Ovelhas e os Bodes.

O cenário é um casamento judaico do primeiro século. E para entender a parábola, é preciso entender o costume.

O noivo, depois do contrato formal, ia preparar a casa onde o casal moraria. Podia levar meses. As damas de honra ficavam com a noiva, esperando. Não havia data marcada. O noivo chegava quando estivesse pronto, geralmente à noite, em cortejo iluminado por lâmpadas, vindo buscar a noiva para a festa.

As lâmpadas eram pequenas — lampás em grego, palavra mais próxima de tocha. Pavo embebido em azeite, dentro de um copo de barro raso. Queimavam por cerca de 15 minutos cada carga. Para um cortejo noturno, era essencial trazer azeite reserva.

*“E, tardando o esposo,
tosquenejaram todas,
e adormeceram.”*

Mateus 25:5



AS DEZ VIRGENS

a parábola

Dez virgens. Cinco prudentes. Cinco loucas.

A palavra grega para prudente é *phronimoi* — sensatas, com discernimento prático. Para loucas, *mōraí* — de onde vem 'moronas'. A escolha é dura.

Todas as dez fizeram a mesma coisa visível. Tinham lâmpadas. Saíram ao encontro do esposo. Todas adormeceram quando ele tardou.

A diferença estava no que ninguém via. As prudentes levaram azeite nas vasilhas. Não confiaram apenas no que já estava na lâmpada. Levaram reserva.

O grito de meia-noite as acorda. As loucas descobrem que estão acabando o azeite. Pedem às prudentes. Recebem uma resposta que choca alguns leitores. *Não seja caso que nos falte a nós e a vós; ide antes aos que o vendem.*

Não é egoísmo. É realidade espiritual. Há coisas que não se transferem. Há reservas que cada um precisa ter feito.

“E, tendo elas ido comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta.”

Mateus 25:10

E quando voltam, batem. Senhor, senhor, abre-nos. A resposta é a frase mais cortante dos Evangelhos: *vos não conheceis.*



AS DEZ VIRGENS

a revelação

A leitura mais comum identifica o azeite com o Espírito Santo. É leitura antiga, dos Pais da Igreja. Faz sentido. No Antigo Testamento, o azeite é símbolo da unção, da presença, do consagrado.

Mas a parábola tem uma camada ainda mais aguda.

As dez virgens são, todas, parte do cortejo. Todas convidadas. Todas com lâmpada. Todas esperando o mesmo noivo. Visualmente, nada as diferencia.

A diferença é o que cada uma fez quando ninguém estava olhando — antes da chegada.

A vida cristã da preparação invisível é exatamente isso. Há coisas que se constroem em silêncio, no escuro, quando ninguém aplaude. E que se revelam apenas no momento em que tudo é exigido.

A frase final, *vigiai*, não é sobre não dormir. Todas dormiram — inclusive as prudentes. É sobre ter preparado o azeite antes do sono. É sobre como você passa o dia, sabendo que a noite virá.

“Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem há de vir.”

Mateus 25:13

*A diferença não está na lâmpada que todos veem.
Está no azeite que ninguém vê.*



OS TALENTOS

Mateus 25:14-30

14 Porque é também como um homem que, partindo para fora da terra, chamou os seus servos, e entregou-lhes os seus bens.

15 E a um deu cinco talentos, e a outro dois, e a outro um, a cada um segundo a sua capacidade, e ausentou-se logo para longe.

16 E, tendo ele partido, o que recebera cinco talentos negociou com eles, e granjeou outros cinco talentos.

17 Da mesma sorte, o que recebera dois, granjeou também outros dois.

18 Mas o que recebera um foi enterrá-lo na terra, e escondeu o dinheiro do seu senhor.

19 E muito tempo depois veio o senhor daqueles servos, e fez contas com eles.

20 Então aproximou-se o que recebera cinco talentos, e trouxe-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, entregaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que granjeei com eles.

21 E o seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.

22 E, chegando também o que tinha recebido dois talentos, disse: Senhor, entregaste-me dois talentos; eis aqui outros dois talentos que granjeei com eles.

23 Disse-lhe o seu senhor: Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.

24 Mas, chegando também o que recebera um talento, disse: Senhor, eu conhecia-te, que és um homem duro, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste;

25 E, atemorizado, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu.

26 Respondendo, porém, o seu senhor, disse-lhe: Mau e negligente servo; sabias que ceifo onde não semei e ajunto onde não espalhei?

27 Devias então ter dado o meu dinheiro aos banqueiros, e, quando eu viesse, receberia o meu com os juros.

28 Tirai-lhe, pois, o talento, e dai-o ao que tem os dez talentos.

29 Porque a qualquer que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver até o que tem ser-lhe-á tirado.

30 Lançai, pois, o servo inútil nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes.”

Almeida Corrigida Fiel



OS TALENTOS

contexto • o que era um talento

A palavra talento hoje significa 'dom natural', 'aptidão'. Mas isso é justamente porque esta parábola entrou tão fundo na cultura ocidental que o sentido figurado tomou o lugar do literal.

No primeiro século, *tánton* era uma unidade de peso e de moeda. Um talento de prata equivalia a aproximadamente 34 quilos de prata — algo entre quinze e vinte anos de salário de um jornaleiro comum. Era uma fortuna.

O servo que recebeu cinco talentos recebeu o equivalente a quase um século de trabalho braçal. Mesmo o que recebeu apenas um talento recebeu o salário de duas décadas.

Não é dinheiro pequeno.

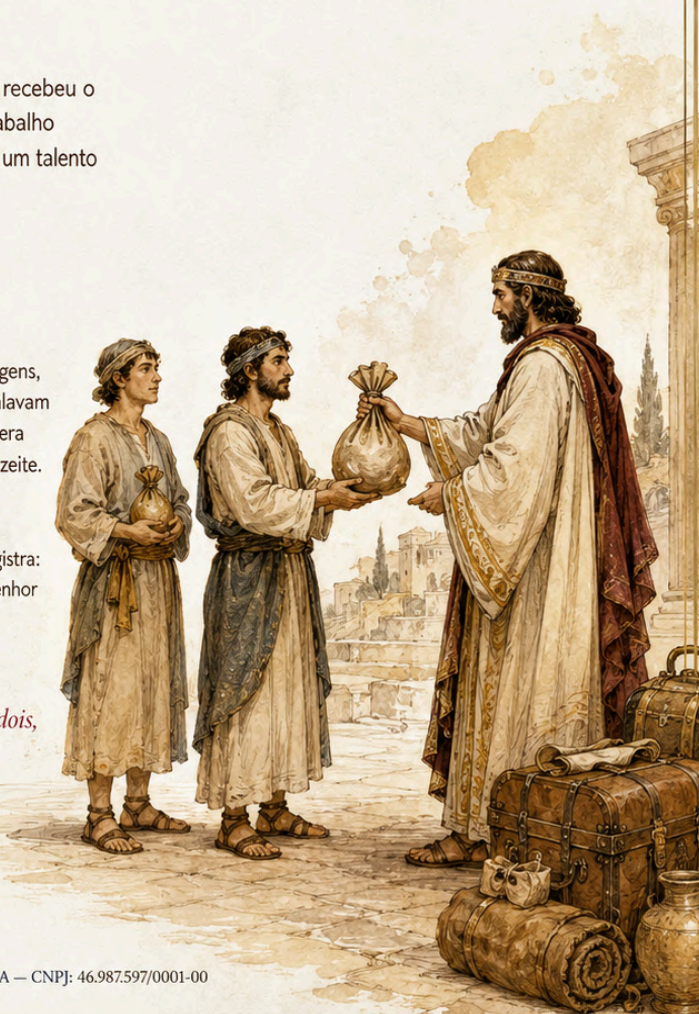
Não é qualquer responsabilidade.

A parábola vem logo depois das Dez Virgens, no mesmo discurso final. Se as virgens falavam de espera ativa, os talentos falam de espera produtiva. A virgem prudente preparou azeite. O servo bom multiplicou.

E há outro detalhe importante. O texto registra: a cada um segundo a sua capacidade. O senhor não distribuiu por igual. Distribuiu com discernimento.

E a um deu cinco talentos, e a outro dois, e a outro um, a cada um segundo a sua capacidade.

Mateus 25:15



OS TALENTOS

a parábola

Os dois primeiros servos fazem a mesma coisa: negociaram. O verbo grego é *eirgásato* — trabalharam ativamente. Não esperaram. Não estudaram durante anos. Foram à praça, ao mercado, aos negócios. E dobraram o valor recebido.

Quando o senhor volta — e o texto diz muito tempo depois —, recebe os dois com a mesma frase. Bem está, servo bom e fiel.

A recompensa é desproporcional. Quem foi fiel sobre pouco ganha autoridade sobre muito. Quem multiplicou cinco recebe o mesmo elogio de quem multiplicou dois. O critério não é o tamanho do resultado. É a fidelidade ao que foi entregue.

O terceiro servo aparece com o talento intacto. Não perdeu. Não roubou. Não gastou. Devolveu exatamente o que recebeu — limpo da terra onde havia enterrado.

Mas a justificativa dele revela tudo. *Eu conhecia-te, que és um homem duro.*

A frase é uma acusação. Ele não enterrou o talento por preguiça. Enterrou por medo e por má teologia. Achava o senhor injusto, exigente, cruel. Agiu com base no que pensava que o senhor era — não no que o senhor era de fato.

Mau e negligente servo; sabias que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei?"

Mateus 25:26

A resposta do senhor é dura. Pega o talento dele. Dá ao que tem dez. E o lança fora.



OS TALENTOS

a revelação

A parábola não pune o servo por ter recebido pouco.
Pune por ter feito nada com o que recebeu.

E o pecado dele é maior do que parece. O senhor diz que ele pelo menos poderia ter levado o talento aos banqueiros — os cambistas do Templo, que pagavam juros sobre depósitos. Não custaria esforço. Não envolveria risco grande.

O servo nem isso fez. Escolheu a paralisia.

Há aqui uma verdade dura: a inação não é neutra. Não fazer nada com o que Deus entregou é uma forma ativa de infidelidade. O Reino exige movimento.

E há também a confrontação de uma teologia distorcida. Quem vê Deus como um cobrador implacável paralisa. Quem vê o Pai como aquele que entrega bens com discernimento, e celebra o pouco multiplicado, trabalha.

A frase final ecoa um princípio que se repete em todos os Evangelhos: a qualquer que tiver será dado. A fidelidade gera mais oportunidade. A negligência subtrai até o que parecia seguro.

*A fidelidade não é medida pelo tamanho da entrega.
É medida pelo movimento que ela produziu.*

*“Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei;
entra no gozo do teu senhor.”*

Mateus 25:21



AS MINAS

Lucas 19:12-27

¹² Disse, pois: Um certo homem nobre partiu para uma terra remota, a fim de tomar para si um reino e voltar depois.

¹³ E, chamando dez servos seus, deu-lhes dez minas, e disse-lhes: Negociai até que eu venha.

¹⁴ Mas os seus cidadãos aborreciam-no, e mandaram após ele embaixadores, dizendo: Não queremos que este reine sobre nós.

¹⁵ E aconteceu que, voltando ele, depois de ter tomado o reino, disse que lhe chamassem aqueles servos, a quem tinha dado o dinheiro, para saber o que cada um tinha ganhado, negociando.

¹⁶ E veio o primeiro, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu dez minas.

¹⁷ E ele lhe disse: Bem está, servo bom, porque no mínimo foste fiel, sobre dez cidades terás autoridade.

¹⁸ E veio o segundo, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu cinco minas.

¹⁹ E a este disse também: Sê tu também sobre cinco cidades.

²⁰ E veio outro, dizendo: Senhor, aqui está a tua mina, que guardei num lenço;

²¹ Porque tive medo de ti, que és homem rigoroso, que tomas o que não puseste, e segas o que não semeaste.

²² Porém, ele lhe disse: Servo maligno, pela tua boca te julgarei; sabias que eu sou homem rigoroso, que tomo o que não pus, e sego o que não semeiei;

²³ Por que não puseste pois o meu dinheiro no banco, e eu vindo o exigiria com os juros?

²⁴ E disse aos que estavam com ele: Tirai-lhe a mina, e dai-a ao que tiver dez minas.

²⁶ Pois eu vos digo que a qualquer que tiver ser-lhe-á dado, mas ao que não tiver até o que tem lhe será tirado.

²⁷ Porém, quanto àqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui, e matai-os diante de mim.

Almeida Corrigida Fiel



AS MINAS

contexto • um fato histórico por trás

Quem ouvia Jesus pela primeira vez reconheceu imediatamente a história. Não era ficção. Era um acontecimento real, ocorrido apenas algumas décadas antes.

Quando Herodes, o Grande, morreu em 4 a.C., seu filho Arquelau partiu para Roma para confirmar diante do imperador César Augusto o título de rei sobre a Judeia. Era exatamente a certa terra remota da parábola.

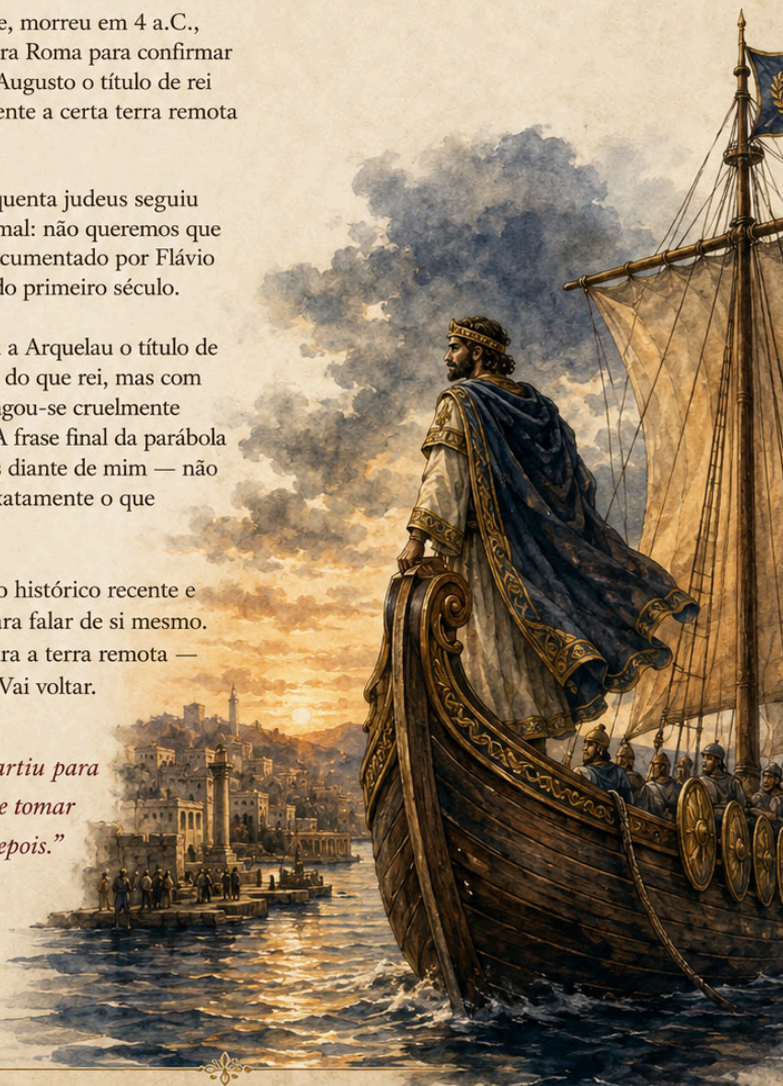
Mas uma delegação de cinquenta judeus seguiu atrás dele com o pedido formal: não queremos que este reine sobre nós. Era documentado por Flávio Josefo, o historiador judeu do primeiro século.

Augusto, mesmo assim, deu a Arquelau o título de etnarca — um título menor do que rei, mas com poder real. Ele voltou. E vingou-se cruelmente daqueles que se opuseram. A frase final da parábola — trazei-os aqui, e matai-os diante de mim — não era exagero retórico. Era exatamente o que Arquelau fez.

Jesus está pegando esse fato histórico recente e usando-o como moldura para falar de si mesmo. Ele é o nobre. Vai partir para a terra remota — o Pai. Vai receber o Reino. Vai voltar.

“Um certo homem nobre partiu para uma terra remota, a fim de tomar para si um reino e voltar depois.”

Lucas 19:12



AS MINAS

a parábola

A mina era diferente do talento. Era moeda menor — cerca de cem dracmas, equivalente a três meses de salário de um jornaleiro. Quantia significativa, mas não absurda.

E o nobre fez algo distinto: deu a mesma quantia a cada servo. Uma mina para cada um dos dez. Diferente da parábola dos Talentos, em que houve distribuição segundo a capacidade.

Aqui o ponto não é a capacidade inicial. É o que cada um fez com o igual que recebeu.

A ordem é direta. Negociai até que eu venha. No grego, *pragmateúsasthe* — tem a mesma raiz de ‘prático’. Façam algo prático com isto. Não guardem.

Os três servos que aparecem na narrativa apresentam três resultados: dez minas, cinco minas, e a mina intacta no lenço.

A recompensa do primeiro é desproporcional. Sobre dez cidades terá autoridade. O segundo recebe cinco cidades. O ganho mínimo gera autoridade máxima — o princípio é o mesmo do servo dos talentos.

O terceiro guardou. Num lenço — em grego, *en soudariō*, uma faixa de tecido usada para enxugar suor ou enrolar coisas. A frase é quase irônica. Não enterrou. Enrolou no lenço. Conservou a moeda como se fosse memória, não capital.

“Senhor, aqui está a tua mina, que guardei num lenço; porque tive medo de ti.”

Lucas 19:20-21



AS MINAS

a revelação

A parábola dos Talentos e a das Minas se parecem mas ensinam coisas diferentes.

Os Talentos falam da diversidade de dons. Cada um recebeu segundo a sua capacidade. A medida do julgamento é proporcional ao que foi entregue.

As Minas falam da igualdade da oportunidade. Cada um recebeu a mesma quantia. A diferença está apenas no que cada um fez. A medida do julgamento é absoluta.

Jesus contou esta parábola subindo para Jerusalém, dias antes da entrada triunfal. Os discípulos achavam que o Reino se manifestaria naquele mesmo momento, com glória política, derrota dos romanos, restauração da monarquia davídica.

Ele os corrige. O Rei vai partir. Vai estar ausente por um tempo longo. Durante essa ausência, cada servo do Reino recebe a mesma oportunidade: negociar com o que foi entregue.

E há uma palavra final que ecoa nos cidadãos rebeldes. Não queremos que este reine sobre nós. A rejeição de Cristo como Rei é a posição de muita gente — não pela teologia, mas pela vida.

“A qualquer que tiver ser-lhe-á dado, mas ao que não tiver até o que tem lhe será tirado.”

Lucas 19:26

*Não se mede o servo pelo que tem.
Mede-se pelo que faz com o que recebeu de igual.*



OS SERVOS VIGILANTES

Lucas 12:35-40

³⁵ Estejam cingidos os vossos lombos, e acesas as vossas candeias.

³⁶ E sede vós semelhantes aos homens que esperam o seu senhor, quando houver de voltar das bodas, para que, quando vier, e bater, logo possam abrir-lhe.

³⁷ Bem-aventurados aqueles servos, os quais, quando o Senhor vier, achar vigiando! Em verdade vos digo que se cingirá, e os fará assentar à mesa e, chegando-se, os servirá.

³⁸ E, se vier na segunda vigília, e se vier na terceira vigília, e os achar assim, bem-aventurados são os tais servos.

³⁹ Sabei, porém, isto, que, se o pai de família soubesse a que hora vinha o ladrão, vigiaria, e não deixaria minar a sua casa.

⁴⁰ Portanto, estai vós também apercebidos; porque virá o Filho do homem à hora que não imaginais.

Almeida Corrigida Fiel



Os SERVOS VIGILANTES

contexto · cingir os lombos

A expressão cingir os lombos hoje soa estranha. Para o ouvinte do primeiro século, era imagem cotidiana.

A vestimenta padrão era a túnica longa, indo até os tornozelos. Confortável para descansar, mas inútil para qualquer ação rápida. Para correr, trabalhar, lutar ou servir à mesa, era necessário levantar a túnica, dobrar entre as pernas e prender com um cinto largo na cintura.

Cingir os lombos era o gesto de quem está pronto. De quem não vai dormir vestido para descansar — vai dormir vestido para servir, se chamado.

A imagem ecoa diretamente o Êxodo. Na noite da Páscoa, Israel comeu o cordeiro com os lombos cingidos, sandálias nos pés e cajado na mão. Estavam prontos para sair ao primeiro sinal. Não sabiam a hora. Mas estavam vestidos para a hora.

Jesus está pedindo o mesmo aos seus. Não é tensão ansiosa. É prontidão tranquila. Você dorme — mas dorme cingido.

E há outro detalhe cultural. As bodas judaicas começavam ao entardecer e duravam horas, às vezes a noite inteira. O senhor que voltava das bodas podia chegar em qualquer das três vigílias da noite. Os servos não sabiam. Só sabiam que ele vai voltar.

“E sede vós semelhantes aos homens que esperam o seu senhor.”

Lucas 12:36



OS SERVOS VIGILANTES

a revelação

Há um deslocamento sutil dentro da parábola. Ela começa com a imagem de servos esperando o senhor — e termina com a imagem de uma casa esperando o ladrão.

São duas figuras opostas para a mesma verdade.

O senhor vem em hora desconhecida. O ladrão também. Mas a expectativa de cada um produz um tipo de vigilância diferente.

A vigília pelo senhor é alegre. Cinge-se com prontidão, mas com candeia acesa. É a vigília do que ama.

A vigília pelo ladrão é defensiva. Tensa. É a vigília do que protege.

Jesus chama o discípulo a viver a primeira. Vigiar não por medo, mas por expectativa.

E essa vigília tem prazo. Virá o Filho do homem à hora que não imaginais. Não é se virá. É quando.

*“Portanto, estai vós também
apercebidos; porque virá o Filho do
homem à hora que não imaginais.”*

Lucas 12:40

*A vigília do amor
ouve passos diferentes
da vigília do medo.*



O SERVO FIEL E PRUDENTE

Lucas 12:42-48 • Mateus 24:45-51

⁴² E disse o Senhor: Qual é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor pôs sobre os seus servos, para lhes dar a tempo a ração?

⁴³ Bem-aventurado aquele servo a qual o senhor, quando vier, achar fazendo assim.

⁴⁴ Em verdade vos digo que sobre todos os seus bens o porá.

⁴⁵ Mas, se aquele servo disser em seu coração: O meu senhor tarda em vir; e começar a espancar os criados e criadas, e a comer, e a beber, e a embriagar-se,

⁴⁶ Virá o senhor daquele servo no dia em que não o espera, e na hora que ele não sabe, e separá-lo-á, e porá a sua parte com os infiéis.

⁴⁷ E o servo que soube a vontade do seu senhor, e não se aprontou, nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites;

⁴⁸ Mas o que a não soube, e fez coisas dignas de açoites, com poucos açoites será castigado. E, a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá, e ao que muito se lhe confiou, muito mais se lhe pedirá.



Almeida Corrigida Fiel

O SERVO FIEL E PRUDENTE

contexto · o mordomo da casa

A figura do mordomo — em grego, oikonómos, de onde vem ‘economia’ — era posição alta na casa antiga.

Não era escravo comum. Era administrador-chefe. Geralmente um servo de confiança, que tinha autoridade sobre os outros servos, distribuía os recursos da casa, decidia rotinas, prestava contas diretamente ao senhor.

Quando o senhor viajava, o mordomo assumia o lugar dele dentro da casa. Tinha acesso à despensa, aos cofres, aos animais. Comandava as refeições. Disciplinava os subordinados.

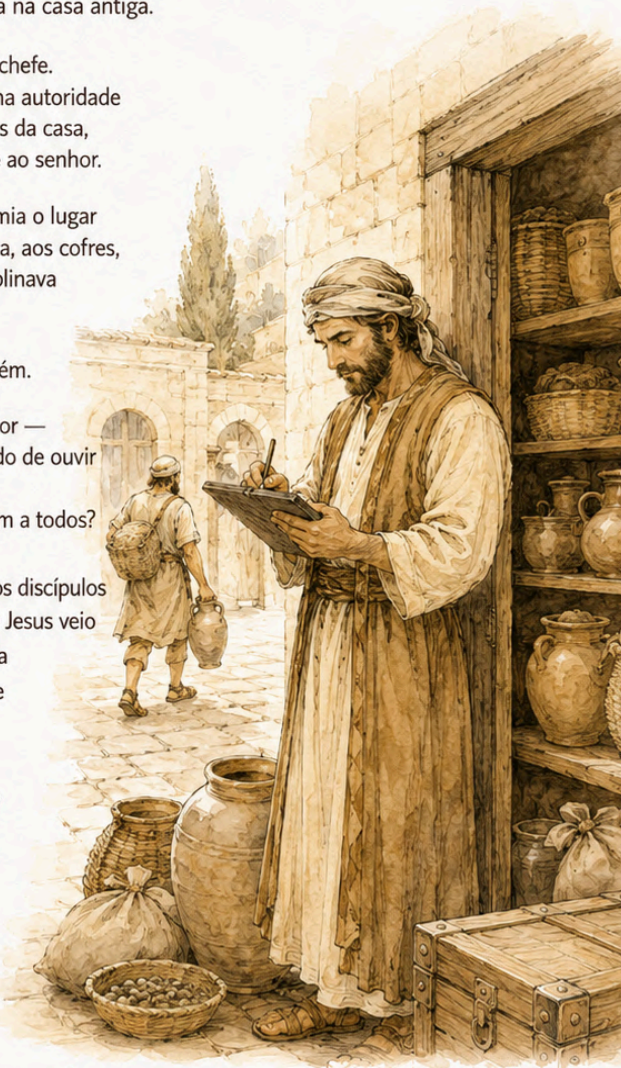
A confiança era enorme. E a tentação também.

Esta parábola é continuação direta da anterior — os Servos Vigilantes. Pedro, que tinha acabado de ouvir aquela, fez uma pergunta importante. Senhor, dizes essa parábola a nós, ou também a todos?

Pedro queria saber se aquilo se aplicava só aos discípulos próximos ou ao povo em geral. A resposta de Jesus veio na forma desta nova parábola — endereçada especificamente aos que recebem autoridade dentro da casa do Reino.

“Qual é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor pôs sobre os seus servos?”

Lucas 12:42



O SERVO FIEL E PRUDENTE

a parábola

Há dois mordomos possíveis na parábola — e a vida de cada um se decide por uma frase silenciosa, dita no coração.

O primeiro continua fazendo o que foi mandado. Dar a tempo a ração. Repete o trabalho dia após dia. Não estoca para si. Não maltrata os outros servos. Não muda o ritmo porque o senhor demora.

Quando o senhor volta — em hora que ninguém sabe — encontra-o fazendo assim. A recompensa é desproporcional. Sobre todos os seus bens o porá. O mordomo é promovido de administrador da casa para administrador de toda a fortuna.

O segundo é descrito por uma frase íntima: disser em seu coração: o meu senhor tarda em vir.

Aí começa a degradação. Espanca os subordinados — abusa da autoridade. Come e bebe — usa para si o que era da casa. Embriaga-se — perde o juízo no próprio cargo.

Não é que ele negou o senhor abertamente. Ele só adiou a expectativa. Achou que tinha tempo. E quando o senhor chega, é tarde demais.

“Virá o senhor daquele servo no dia em que não o espera, e na hora que ele não sabe.”

Lucas 12:46



O SERVO FIEL E PRUDENTE

a revelação

Há uma sentença no final desta parábola que carrega peso especial dentro do ensino de Jesus.

A qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá.

É princípio de responsabilidade graduada. Quanto maior a autoridade recebida, maior a prestação de contas.

O líder espiritual, o ministro, o ancião, o mestre — todos os que receberam função sobre outros na casa do Reino — são julgados por uma régua diferente. Não por padrão mais leve. Por padrão mais alto.

E há também um detalhe terrível na frase o servo que soube a vontade do seu senhor, e não se aprontou. Saber e não fazer aumenta a conta.

Esta parábola não é destinada apenas a quem dorme na fé. É especialmente para quem acordou, sabe o que deveria fazer, e adia.

A pergunta que ela deixa não é teológica. É administrativa. Como você está usando a autoridade que recebeu?

*“Ao que muito
se lhe confiou,
muito mais
se lhe pedirá.”*

Lucas 12:48

*A demora do Senhor não é permissão.
É medida da sua fidelidade.*



O PORTEIRO VIGILANTE

³³ Olhai, vigiai e orai; porque não sabeis quando chegará o tempo.

³⁴ É como se um homem, partindo para fora da sua terra, deixasse a sua casa, e desse autoridade aos seus servos, e a cada um a sua obra, e mandasse ao porteiro que vigiasse.

³⁵ Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o senhor da casa; se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã;

³⁶ Para que, vindo de improviso, não vos ache dormindo.

³⁷ E as coisas que vos digo digo-as a todos: Vigiai.

Almeida Corrigida Fiel



O PORTEIRO VIGILANTE

contexto • as quatro vigílias da noite

Jesus contou esta parábola no Monte das Oliveiras, no mesmo discurso final em que falou da destruição do Templo e da vinda do Filho do Homem. É das parábolas mais curtas — cinco versículos. E talvez por isso, das mais subestimadas.

A frase central depende de um detalhe cultural específico. Se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã. Os romanos dividiam a noite em quatro vigílias de três horas cada.

Primeira vigília: das seis da tarde às nove da noite — à tarde.

Segunda vigília: das nove às doze — à meia-noite.

Terceira vigília: das doze às três da madrugada — ao cantar do galo.

Quarta vigília: das três às seis da manhã — pela manhã.

A vinda do senhor pode ocorrer em qualquer uma das quatro. Jesus está dizendo: cobre todas as horas.

E há uma figura específica que assume responsabilidade. O *thyrōrós* — o porteiro. Função real na arquitetura doméstica antiga. Casas grandes tinham um servo cuja única tarefa era ficar acordado, vigiar a porta, abrir quando o senhor batesse.

Essa é a função que Jesus aplica aos discípulos.

“E mandasse ao porteiro que vigiasse.”

Marcos 13:34



O PORTEIRO VIGILANTE

a parábola

A estrutura é simples e impressiona pela densidade.

Um homem parte para longe. Deixa a casa. Distribui autoridade entre os servos — a cada um a sua obra. E especificamente designa um porteiro para vigiar.

Há, portanto, dois movimentos paralelos na casa. Os servos trabalham. Cada um tem sua função, sua tarefa, sua obra. Não param.

E o porteiro vigia. Sua função é diferente das outras. Ele não cuida da plantação, da despensa, dos animais. Ele cuida do retorno. Fica atento à porta. Espera o som da chegada.

Não é função inferior. É a função mais delicada da casa inteira. Sem porteiro atento, o senhor pode bater por horas — e a casa não recebe quem deveria estar esperando.

E Jesus encerra com uma palavra que generaliza a todos.

“E as coisas que vos digo digo-as a todos: Vigiai.”

Marcos 13:37

A última frase é decisiva. Os discípulos podem ter pensado que a parábola era para os apóstolos, para os líderes. Jesus fecha a porta dessa interpretação. Digo-as a todos.



O PORTEIRO VIGILANTE

a revelação

Há uma diferença sutil entre as três parábolas da vigília — as Dez Virgens, os Servos Vigilantes, e o Porteiro.

As Dez Virgens falam de preparação. O que você fez antes da hora?
Os Servos Vigilantes falam de prontidão. Você está com a túnica cingida?
O Porteiro fala de atenção contínua. Você está escutando a porta?

Aqui não há lâmpadas para preparar nem cinto para amarrar.
Há apenas o ouvido inclinado para o portão. Hora após hora.
Vigília após vigília.

E o detalhe que muda tudo é o verbo de Jesus. Não diz 'espere'.
Diz vigiai. No grego, *grēgoreíte* — daí vem o nome Gregório,
'o vigilante'. É verbo de ação consciente, não de espera passiva.

Vigiar é o oposto de dormir, mas também é o oposto de viver
no piloto automático. É manter a alma desperta enquanto
a rotina segue.

O porteiro está dentro da casa. Trabalha. Mas trabalha
com o ouvido na porta. Esse é o discípulo.

*“Olhai, vigiai e orai; porque não sabeis
quando chegará o tempo.”*

Marcos 13:33

*A vigília do discípulo
não é olhos abertos no céu —
é ouvido inclinado para a porta.*



O RICO INSENSATO

Lucas 12:16-21

¹⁶ *E propôs-lhes uma parábola, dizendo:
A herdade de um homem rico tinha
produzido com abundância;*

¹⁷ *E arrazoava ele entre si, dizendo:
Que farei? Não tenho onde recolher
os meus frutos.*

¹⁸ *E disse: Farei isto: Derribarei os meus
celeiros, e edificarei outros maiores, e ali
recolherei todas as minhas novidades
e os meus bens;*

¹⁹ *E direi à minha alma: Alma, tens em
depósito muitos bens para muitos anos;
descansa, come, bebe, e folga.*

²⁰ *Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite
te pedirão a tua alma; e o que tens
preparado, para quem será?*

²¹ *Assim é o que para si ajunta tesouros,
e não é rico para com Deus.*



Almeida Corrigida Fiel

O RICO INSENSATO

contexto · a herança e o irmão

A parábola surgiu de uma interrupção.

Jesus estava ensinando uma multidão tão grande que se atropelavam uns aos outros — assim Lucas descreve. No meio do ensino, alguém da plateia gritou. Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança.

Era pedido prático. Por costume e pela Lei mosaica, em famílias com vários filhos, o irmão mais velho recebia o dobro da herança e era responsável por administrá-la. Os irmãos mais novos dependiam dele. Quando havia disputa, os rabinos eram convocados como juízes.

Aquele homem queria que Jesus assumisse a função. A resposta foi seca. Homem, quem me pôs a mim por juiz ou repartidor entre vós?

E Jesus virou-se para a multidão com um aviso. Acautelai-vos e guardai-vos da avareza. No grego, *pleonexia* — a ânsia por mais. Não a riqueza em si, mas o desejo de sempre acumular além.

Foi para ilustrar essa palavra que ele contou a parábola.

“Porque a vida do homem não consiste na abundância das coisas que possui.”

Lucas 12:15



O RICO INSENSATO

a parábola

Um homem rico já. E o campo dele produziu uma colheita extraordinária.

Repare quem fala dentro da parábola. O homem arrazoava entre si. Conversa apenas consigo mesmo. Não consulta ninguém. Não pergunta a Deus. Não pensa nos pobres da vila.

E nas seis frases que ele profere, o pronome eu aparece doze vezes. Que farei? Derribarei os meus celeiros. Edificarei outros maiores. Recolherei todas as minhas novidades.

Toda a economia interna dele é fechada em si mesmo.

E aí vem a frase mais reveladora: direi à minha alma — alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe, e folga.

Note o erro. Ele tenta nutrir a alma com bens materiais. Como se alma se alimentasse de celeiro cheio. Como se a paz interior viesse de armazém.

A resposta de Deus interrompe o monólogo. Louco. No grego, aphrôn — o sem sentido, o que não pensou nas coisas certas.

*“Esta noite te pedirão a tua alma;
e o que tens preparado, para
quem será?”*

Lucas 12:20



O RICO INSENSATO

a revelação

A loucura do rico não foi a riqueza. A Bíblia não condena ter. Abraão foi rico. Jó foi rico, José governou os celeiros do Egito.

A loucura foi o para quem. Ele planejou para si. Não para Deus. Não para os outros. Não para a eternidade. Só para o próprio bem-estar.

E a frase final de Jesus condensa tudo: assim é o que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus.

Há, portanto, dois tipos de riqueza. A acumulação para si — que cabe num celeiro e morre com o dono. E a riqueza para com Deus — que se constrói em outra moeda: misericórdia, generosidade, justiça, oração, fé.

Jesus terminou sua explicação naquele dia com uma frase que ecoa pelos séculos: onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração.

A pergunta que a parábola deixa não é sobre a quantidade do seu celeiro. É sobre o endereço dele.

“Buscai antes o reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.”

Lucas 12:31

*Não é a riqueza que perde o homem.
É o destinatário dela.*



O RICO E LÁZARO

Lucas 16:19-31

¹⁹ Ora, havia um homem rico, e vestia-se de púrpura e de linho finíssimo, e vivia todos os dias regalada e esplendidamente.

²⁰ Havia também um certo mendigo, chamado Lázaro, que jazia cheio de chagas à porta daquele;

²¹ E desejava alimentar-se das migalhas que caíam da mesa do rico; e até vinham os cães e lhe lambiam as chagas.

²² E aconteceu que o mendigo morreu, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; e morreu também o rico, e foi sepultado.

²³ E no inferno, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão, e Lázaro no seu seio.

²⁴ E, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e manda a Lázaro, que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama.

²⁵ Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro somente males; e agora este é consolado e tu atormentado.

²⁶ E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá passar para cá.

²⁷ E disse ele: Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai,

²⁸ Pois tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de que não venham também para este lugar de tormento.

²⁹ Disse-lhe Abraão: Têm Moisés e os profetas; ouçam-nos.

³⁰ E disse ele: Não, pai Abraão; mas, se algum dentre os mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam.

³¹ Porém, Abraão lhe disse: Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite.



Almeida Corrígida Fiel

O RICO E LÁZARO

contexto · a única parábola com nome próprio

Há um detalhe que torna esta parábola única em todos os Evangelhos. É a única em que Jesus dá um nome próprio a um personagem.

O mendigo se chama Lázaro — em hebraico El'azar, 'Deus ajuda'. O rico permanece anônimo. A tradição posterior o chamou de *Dives*, do latim 'rico', mas Jesus não lhe deu nome.

A inversão é teológica. No mundo do primeiro século, o nome do rico era conhecido em toda a cidade. O pobre era apenas um pobre qualquer. Aqui, no Reino, o nome do pobre é registrado. O do rico, esquecido.

A descrição do rico é específica. Veste-se de púrpura — tecido caríssimo, tingido com glândulas do molusco múrice, exclusivo da nobreza. E linho finíssimo — em grego, *byssos*, o linho egípcio usado para roupas íntimas dos sacerdotes do Templo. Ele se vestia bem por dentro e por fora.

Lázaro é descrito por outro detalhe terrível. Cães vinham e lambiam suas chagas. Na cultura judaica, cães eram considerados impuros. A imagem é de degradação absoluta — o homem nem tem força para afastar os cães.

Ele estava à porta do rico. Todo dia, na ida e na volta, o rico passava por ele. E continuou passando.

“Havia também um certo mendigo, chamado Lázaro, que jazia cheio de chagas à porta daquele.”

Lucas 16:20



O RICO E LÁZARO

a parábola

A morte chega para os dois. E a parábola descreve duas cenas opostas.

O mendigo morreu, e foi levado pelos anjos. É o único na história a quem se concede acompanhamento angélico explícito. O texto não diz onde Lázaro foi enterrado. Talvez não tenha tido enterro.

Morreu também o rico, e foi sepultado. Sem anjos. Apenas o ritual humano. E provavelmente um funeral grandioso.

E é aqui que a parábola muda de tom. O rico ergue os olhos em tormentos. Vê Abraão. Vê Lázaro no seio de Abraão — expressão judaica para o lugar dos justos, próximo do patriarca.

Note o pedido do rico. Manda a Lázaro, que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua.

Mesmo nos tormentos, ele continua tratando Lázaro como servo. Não como irmão, não como pessoa, não como nome próprio. Apenas como instrumento.

E Abraão responde com uma palavra que pesa: Filho, lembra-te. O verbo grego é *mnēstheti* — 'lembra'. Não há tortura em vermelho-vivo. Há a memória do que poderia ter sido feito e não foi.

E entre os dois lugares há um grande abismo. *Chásma méga* no grego. Definitivo, imutável.

“Está posto um grande abismo entre nós e vós.”

Lucas 16:26



O RICO E LÁZARO

a revelação

A parábola não é uma cartografia do além. Não é manual de como funciona o pós-morte. É uma confrontação dirigida aos fariseus, que Lucas tinha acabado de descrever como avarentos.

O rico não está no lugar de tormento por ser rico. Está pelo que não fez enquanto era rico. Lázaro estava à porta dele. Todos os dias. E ele passou por cima.

A indiferença foi o pecado.

Mas a virada está no final. O rico pede que Lázaro seja enviado para avisar os cinco irmãos vivos. Abraão recusa. Têm Moisés e os profetas; ouçam-nos.

O rico insiste. Se algum dentre os mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam.

E vem a frase que selou a parábola — e que ecoou de outra forma, semanas depois, em Jerusalém. Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite.

Jesus está dizendo, em parábola, o que aconteceria com Ele. Outro Lázaro — o de Betânia — voltaria dos mortos. E ainda assim, muitos não creriam.

A frase final é profecia velada. Os que recusam a Escritura recusarão a ressurreição.

“Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite.”

Lucas 16:31

*Quem fecha o ouvido para a Escritura
não abrirá os olhos para um milagre.*



A FIGUEIRA ESTÉRIL

Lucas 13:6-9

⁶ E dizia esta parábola: Um certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha, e foi buscar nela algum fruto, e não o achou.

⁷ E disse ao vinhateiro: Eis que há três anos venho buscar fruto a esta figueira, e não o acho; corta-a; por que ocupa ainda a terra inutilmente?

⁸ E, respondendo ele, disse-lhe: Senhor, deixa-a este ano, até que eu a escave e a esterque;

⁹ E, se der fruto, ficará, e, se não, depois a mandarás cortar.



Almeida Corrigida Fiel

A FIGUEIRA ESTÉRIL

contexto · a árvore que era Israel

A parábola foi contada num momento difícil. Tinham acabado de informar a Jesus sobre um massacre. Pilatos havia matado galileus enquanto ofereciam sacrifícios — misturando o sangue deles com o dos animais.

Jesus respondeu que aqueles não eram piores pecadores que os outros galileus. E acrescentou: se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis.

E logo emendou a parábola da figueira.

A figueira tinha simbolismo carregado em Israel. Oseias compara Israel aos primeiros frutos da figueira. Joel descreve o juízo como o invasor que despoja a figueira. Jeremias usa a imagem da cesta com bons e maus figos para falar das duas faces do povo.

Quando Jesus fala em figueira, ninguém ouve apenas uma árvore. Ouve a nação.

E há um detalhe agrícola importante. Uma figueira saudável começa a produzir frutos plenos entre o terceiro e o quinto ano após o plantio. Três anos seguidos sem qualquer fruto era sinal claro de árvore estéril — provavelmente perdida para sempre.

*“Achei a Israel como uvas no deserto,
vi a vossos pais como a fruta temporã
da figueira no seu princípio.”*

Oseias 9:10



A FIGUEIRA ESTÉRIL

a parábola

Três figuras compõem a cena. O dono da vinha. O vinhateiro. A figueira.

O dono veio buscar fruto e não achou. Pela terceira vez seguida. A frase dele é objetiva: corta-a; por que ocupa ainda a terra inutilmente?

A palavra grega usada para inutilmente é *katárgei* — torna inútil, esteriliza o entorno. A figueira não estava apenas falhando consigo mesma. Estava ocupando solo, sombreando outras plantas, consumindo água — sem devolver nada.

O vinhateiro intercede. Pede mais um ano. E não pede só tempo. Promete trabalho.

Eu a escave — em grego, *skapsō*, cavar ao redor das raízes para arejar. E a esterque — *kopria*, esterco como adubo. Os dois recursos máximos da agricultura antiga.

E só depois desse trabalho extra, a condição: se der fruto, ficará, e, se não, depois a mandarás cortar.

A intercessão não é pedido de adiamento eterno. É pedido de oportunidade adicional, sob cuidado dobrado.

*“Senhor, deixa-a este ano,
até que eu a escave
e a esterque.”*

Lucas 13:8



A FIGUEIRA ESTÉRIL

a revelação

A interpretação tradicional dos Pais da Igreja é direta. O dono é o Pai. O vinhateiro é Cristo, intercedendo. A figueira é Israel — e, por extensão, qualquer alma que ouve o chamado.

Os três anos de busca ecoam os três anos do ministério público de Jesus na Galileia e na Judeia. Tempo de pregação, de milagres, de chamado ao arrependimento. Tempo curto. Tempo concluído.

Mas há uma camada mais íntima da parábola que é fácil de perder.

A graça não é eterna no sentido de ilimitada. É paciente, sim. Mais paciente do que merecemos. Mas tem prazo.

O mais um ano do vinhateiro é graça concentrada — período de cuidado especial, em que cavar e esterquear representam tudo o que Deus faz pelo coração que ainda pode dar fruto. Palavra que se ouve. Sofrimento que se atravessa. Pessoa que cruza o caminho. Convicção que arde no peito.

Tudo isso é a cavada do vinhateiro.

E a pergunta da parábola não é se haverá graça. É se haverá fruto.

*“Eis agora o tempo
aceitável, eis agora
o dia da salvação.”*

2 Coríntios 6:2

*A graça é paciente.
Mas tem prazo.*



Os LAVRADORES MAUS

Mateus 21:33-43 • Marcos 12:1-12 • Lucas 20:9-19

³³ Ouvi ainda outra parábola: Houve um homem, pai de família, que plantou uma vinha, e cercou-a de um valado, e construiu nela um lagar, e edificou uma torre, e arrendou-a a uns lavradores, e ausentou-se para longe.

³⁴ E, chegando o tempo dos frutos, enviou os seus servos aos lavradores, para receberem os seus frutos.

³⁵ E os lavradores, tomando os servos, feriram um, e mataram outro, e apedrejaram outro.

³⁶ Depois enviou outros servos, em maior número do que os primeiros; e fizeram-lhes o mesmo.

³⁷ E, por último, enviou-lhes seu filho, dizendo: Terão respeito a meu filho.

³⁸ Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, e apoderemo-nos da sua herança.

³⁹ E, lançando mão dele, o arrastaram para fora da vinha, e o mataram.

⁴⁰ Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores?

⁴¹ Eles lhe disseram: Dará cruel morte aos maus, e arrendará a vinha a outros lavradores, que a seu tempo lhe dêem os frutos.

⁴² Disse-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra, que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo?

⁴³ Portanto eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos.



Almeida Corrigida Fiel

OS LAVRADORES MAUS

contexto · o cântico da vinha

Era a semana da Páscoa. Jesus havia acabado de virar as mesas do Templo. No dia seguinte, voltou e foi confrontado pelos principais sacerdotes. Com que autoridade fazes estas coisas?

Esta é a segunda das três parábolas que Jesus contou em resposta — entre os Dois Filhos e as Bodas do Filho do Rei. Cada uma mais direta que a anterior.

E a imagem inicial da parábola é uma citação literal. Quem ouvia conhecia de cor.

Isaías 5 abre com o cântico da vinha. Plantou-a com a melhor cepa, cercou-a com sebe, construiu nela uma torre, edificou nela um lagar. Mateus reproduz exatamente os mesmos elementos. Não há dúvida sobre o que a vinha representa.

A vinha é Israel. O dono é Deus. E os lavradores arrendatários são os líderes religiosos da nação — sacerdotes, escribas, fariseus.

Os arrendamentos eram comuns no primeiro século. Donos absentes deixavam as plantações sob cuidado de lavradores locais, que pagavam aluguel em produto. Em períodos de tensão econômica e política, era também comum que os arrendatários tentassem se apropriar da terra.

“Porque a vinha do Senhor dos Exércitos é a casa de Israel.”

Isaías 5:7



OS LAVRADORES MAUS

a parábola

O dono envia servo após servo. A escalada da violência é precisa.

O primeiro grupo: um foi ferido, outro morto, outro apedrejado. Os três verbos representam os três tipos de tratamento que os profetas receberam ao longo dos séculos. Jeremias foi ferido e preso. Isaías, segundo a tradição rabínica, foi serrado ao meio. Zacarias, filho do sacerdote Joiada, foi apedrejado no pátio do Templo (2 Crônicas 24:21).

O segundo grupo, em maior número, recebe o mesmo tratamento. Os lavradores não mudam.

E então o dono toma uma decisão que parece ingênua. Enviou-lhes seu filho, dizendo: terão respeito a meu filho.

A frase não é ingenuidade. É última esperança. É a paciência levada ao limite.

Mas os lavradores reconhecem o filho. *Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, e apoderemo-nos da sua herança.*

Há aqui uma lógica jurídica do mundo antigo. Em terras onde o herdeiro estava ausente por longo tempo, lavradores que ocupavam a propriedade podiam reivindicar posse após determinado período. Matar o herdeiro era um plano calculado para limpar o caminho.

E eles o arrastam para fora da vinha. O detalhe é deliberado. Jesus seria crucificado fora dos muros de Jerusalém. Toda a parábola era profecia do que aconteceria dias depois.

“Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, e apoderemo-nos da sua herança.”

Mateus 21:38



OS LAVRADORES MAUS

a revelação

Jesus faz a pergunta. Quando vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores?

E os próprios ouvintes — os sacerdotes — respondem o juízo. Dará cruel morte aos maus, e arrendará a vinha a outros lavradores.

Eles se condenaram pela própria boca.

E Jesus emenda com uma citação que sela tudo. A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo. É o Salmo 118. Texto cantado todos os anos na Páscoa. Naquele mesmo dia, talvez, a multidão acabara de cantar isso na entrada triunfal.

A pedra rejeitada não desaparece. Volta. E volta como aquela sobre a qual todo o edifício se apoia.

A sentença final é dura e foi cumprida historicamente. O reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos.

A nação aqui não é uma raça. É a Igreja — formada de todos os povos, judeus e gentios, que dão o fruto do arrependimento e da fé.

Os sacerdotes entenderam que falava deles.

E quiseram prendê-lo naquela mesma hora.

O texto diz que apenas o medo do povo os impediu — naquele momento.

“A pedra, que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo.”

Mateus 21:42

*A pedra rejeitada não some.
Volta como ângulo.*

